

TEMPOS DIFÍCEIS

1. Entramos no novo ano - 2012 - em plena transformação e incerteza. Tudo parece ter de mudar. Esperemos que não seja para pior. Na Europa e portanto em Portugal, mas também noutros Continentes: na Ásia, no Mundo Islâmico, nas Américas. A África conta ainda pouco, embora sofra também dos efeitos perversos da globalização desregulada.

As populações, que cada vez, comunicam melhor e mais rápida e facilmente entre si, graças à revolução informática e à globalização, sentem um vazio e uma ausência de rumo - e de valores - a par de um certo desespero, quanto ao futuro, que parece poder vir a ser extremamente perigoso. Porque o vazio de ideias conduz com facilidade às revoltas e à violência.

Acabo de ler um livro, traduzido para o francês, do ensaísta e pensador holandês, Rob Riemen, intitulado: "O eterno regresso do fascismo", publicado em Outubro de 2011. O título, só por si, é insólito e, ao mesmo tempo, extremamente preocupante. Sessenta e seis anos após o fim da segunda grande guerra, vencida sob a bandeira da Liberdade, da Carta do Atlântico e das Nações Unidas, quem podia imaginar, ser possível voltarmos a falar, seriamente, no perigo do fascismo ou, pior ainda, do nazi-fascismo, como uma calamidade que pode voltar a contaminar a Europa, como um micróbio que reaparece anos depois num corpo social doente? É,

como o título indica, o teor do livro de Rob Riemen, que invocando grandes autores como: Goethe, Alexis Tocqueville, Nietzsche e Ortega y Gasset, que tanto escreveu sobre a rebelião das massas e, mais recentemente, Paul Valéry, Max Scheler e Albert Camus, entre outros, relembra que tanto o fascismo como o nazismo, chegaram ao poder por via de eleições democráticas, em sociedades que tinham perdido os valores éticos e só viam o dinheiro, a "joie de vivre" e os mercados especulativos.

Estamos, na realidade, de novo, a viver uma crise para além de financeira e económica de civilização. Sem ideais que nos inspirem e, por isso, se cria nas camadas populares um sentimento de mal-estar, de frustração e de ressentimento, em que os valores democráticos da cidadania se perdem e os líderes políticos, cada vez mais desacreditados, procuram dirigir-nos, apostando no neo-liberalismo e, conseqüentemente, no nacionalismo e no populismo. Através de slogans de uma cultura kitsche, conseguem, assim, da pior maneira, interessar as massas, aparentemente ganhando o sentimento dos Povos...

O grande Winston Churchill, num discurso que proferiu em 1946, no imediato pós-guerra, em Zurique, com a Europa destroçada e para evitar novas guerras, advertiu: "é preciso recriar a família europeia (...) para se desenvolver em paz, em segurança e em liberdade. E para tanto é necessário construir uma espécie de Estados Unidos da Europa" em que, obviamente, o Reino Unido não entraria.

Pois bem, passaram seis décadas de paz, progresso e bem-estar social e os dirigentes europeus ainda não tiveram coragem de dar um passo

decisivo no sentido federal, como hoje parece ser indispensável. Não nos admiremos, pois, de estarmos hoje, na União Europeia, na situação crítica, de crise aguda, em que nos encontramos. Os nacionalismos e os populismos, dos Partidos conservadores europeus (na esmagadora maioria), substituíram-se à solidariedade e à igualdade entre os Estados-membros, das famílias socialistas e democrata cristãs. Com a melhor cara e total irresponsabilidade, os actuais dirigentes europeus aceitam ser dominados pelos mercados especulativos. Com efeito, únicos valores que para eles contam, ignorando as pessoas, são o dinheiro, as economias virtuais e todas as negociatas e especulações que têm lugar à sombra do neo-liberalismo.

A história, obviamente, não se repete. Mas o livro de Rob Riemen, sem se referir especialmente à situação actual, deste início de século, tão complexo e incerto, obriga-nos a reflectir, para depois actuar. Porque é necessário actuar. O regresso à violência, ao poder absoluto dos mercados especulativos e ao agravamento das desigualdades sociais, que tanto nos afligem, vão obrigar a União Europeia a abandonar essa política cega que, a prolongar-se, conduzirá necessariamente ao desastre. Ao mesmo tempo - espero - que a União Europeia, reconheça a necessidade de se lançar numa política de salvação pública e de justiça social que a faça avançar e, simultaneamente, contribua para renovar a esperança do velho Continente num mundo melhor, de que possa beneficiar.

Nesse sentido, aconselho os meus eventuais leitores para que aproveitem este começo de 2012, lendo um pequeno livro, cujos autores são: Stéphane Hessel, criador do "Indignai-vos" e o filósofo progressista Edgar Morin, intitulado "o caminho da esperança"

Na verdade, por mais graves que sejam os tempos que se avizinham não devemos perder a esperança. Foi sempre alimentando a esperança num mundo melhor que as sociedades - e as pessoas - foram capazes de progredir. Lutando pelos grandes ideais, da paz, da liberdade, da solidariedade, da justiça social e dos Direitos Humanos. É por isso que em momentos de crise não podemos - nem devemos - prescindir das conquistas sociais.

2. Os nossos irmãos brasileiros vão de vento em popa. Felizmente! Depois de dois grandes Presidentes: Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva que, por formas diferentes, mudaram o Brasil, tornando-o um dos países emergentes e uma das maiores economias mundiais. Agora sim, podemos subscrever, com total à vontade o que disse Stefan Zweig quando, para fugir ao nazismo se refugiou no Brasil "país de futuro". Hoje é mais do que isso: um "país do presente" voltado resolutamente para o futuro, como o seu crescimento actual denota e o mundo inteiro já percebeu. Tem tido um crescimento de 4% ao ano (de 2003 a 2010). A frase de Clemenceau "um país de futuro, que continuará assim por muito tempo" deixou de ter sentido.

A sucessora de Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, resistente à ditadura militar, torturada, eleita primeira Presidenta do Brasil é uma personalidade política de excepcional qualidade e valentia. Tomou posse em 1 de Janeiro de 2011 e tem vindo, com muito êxito, a marcar o seu próprio estilo, pela coragem que tem posto na luta contra a corrupção, contra a pobreza e também contra a criminalidade

nas favelas. Objectivos de extrema importância, numa fase de grande expansão do prestígio do Brasil, no plano ibero-americano e internacional.

O Brasil é, como se sabe, um país candidato a membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. E era importante que fosse, por ser um país líder da Ibero-América, onde tem estado a ocorrer uma revolução pacífica, no sentido democrático e do desenvolvimento. Por outro lado, a ONU também precisa de ser mais estimulada e actuante, para poder cumprir os Objectivos do Milénio - dos quais poucos dirigentes já se lembram - e contribuir para a criação de uma nova ordem mundial, tão necessária nesta actual fase de globalização desregulada.

A Presidenta do Brasil é uma Senhora de grandes convicções e que ao longo do ano de 2011 demonstrou, dadas as medidas tomadas - reformas e não contra-reformas - ter as qualidades necessárias e a coragem que lhe permitem estar à altura das altas funções que exerce.

Veio a Portugal, como se lembram para assistir ao doutoramento que recebeu Lula da Silva, outorgado pela muito prestigiada no Brasil Universidade de Coimbra. Mas, infelizmente, Dilma teve de regressar ao Brasil no dia seguinte a ter chegado, em virtude do falecimento do Vice-Presidente, José Alencar, uma personalidade que tive a honra de conhecer e deixou uma excelente memória. Foi a razão pela qual ainda não a encontrei, pessoalmente, como tanto teria gostado, dada a admiração que me merece. Recomendo aos meus leitores o interessante livro biográfico escrito por Ricardo Batista Amaral sobre a trajectória de Dilma

Rousseff intitulado "A vida quer é coragem". O Brasil é um país irmão, membro da CPLP que, por todas as razões, devemos acompanhar de perto.

3. A posse de Mariano Rajoy - e a vitória por maioria do seu Partido - e as medidas que se seguirão, com cortes bastante grandes, abre uma nova fase da democracia espanhola, que não vai ser nada fácil. Veremos os próximos meses. Para Portugal não é nada bom que a situação espanhola venha a agravar-se, como parece poder ocorrer. Com consequências graves para a União Europeia e, em especial, para a zona euro.

A Espanha, como a Itália, são grandes países, vítimas inesperadas dos mercados especulativos. Não tem qualquer comparação com a Grécia, a Irlanda ou Portugal, por estarem noutra patamar de dificuldades, como a França vai sentir e mesmo a Alemanha. É por isso que muitos comentadores têm dito e repetido que a Europa está à beira do abismo. Mas ao ouvirmos tanto a Chanceler Merkel como o Presidente Sarkozy, dá-nos a impressão que não têm a consciência das responsabilidades em que podem incorrer. Adiam sistematicamente os problemas que prometeram resolver, de Cimeira para Cimeira, paralisando os Estados-membros e as Instituições e, implicitamente, desacreditando profundamente o projecto europeu. Para Portugal, a situação em que vai entrar a Espanha - e é inevitável - é de grande gravidade, dadas as relações financeiras, económicas, políticas e sociais que temos com o País vizinho. Tenhamos, no entanto, esperança e confiança no génio do Povo Espanhol e saibamos, mesmo em época de crise aguda, desenvolver as nossas relações no plano cultural, humano, económico e

político e, em particular, em função dos nossos comuns interesses no Mediterrâneo Ocidental, no Atlântico e na Ibero-América.

Lisboa, 3 de Janeiro de 2012